



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://publicacoes.iel.unicamp.br/descobertas-do-ceu/>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2021 by UNICAMP/IEL/Setor de Publicações : TL 224. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## CEMITÉRIO DE ESTRELAS

Paula Cruciol

**O**uvi em algum lugar, uma vez, que quando olhamos para o céu, na verdade estamos olhando para o passado, pois o brilho que enxergamos é, talvez, o de estrelas que nem brilham mais; ele demora tanto a nos alcançar que, quando finalmente conseguimos ver, a estrela que o emitiu já não está mais lá, foi-se.

Desde então, penso nisso toda vez que olho para o céu. Nas primeiras vezes que olhei para o alto, depois de ter ouvido isso, o céu me pareceu um lugar triste, um cemitério de estrelas. Eu pensava: “isso não é uma estrela, é uma sombra”. E isso me aborrecia. As estrelas tinham perdido o brilho para mim, não o brilho de sua luminescência, que certamente eu enxergava, e sim aquilo que as fazia especial. O brilho. Aquele que dificilmente se apaga. Pois bem, hoje, muito tempo se passou e o céu não parece tão tris-

te, mas é porque eu já estive lá. Eu já estive no céu, há muito tempo, em uma viagem.

Eu estava em uma nave. Ela era prateada, mas de alguma forma, refletia em tons de roxo e verde, o que é engraçado, considerando a senhora que a pilotava. Você pode imaginá-la como uma avó universal: seu cabelo era branco em rolinhos ao redor da cabeça, como um capacete, e ela usava um manto violeta feito por ela mesma — talvez de tricô, talvez de crochê. Por baixo do manto, que sempre descansava sobre seus ombros, um vestido florido esverdeado. Ela arrastava seus chinelos pela nave, fazendo barulho de lixa, diferente dos meus tênis, que ecoavam pelos corredores.

A nave não era muito grande e, por dentro, lembrava um cacho de uvas ou uma framboesa, uma junção amalgamada de esferas. A senhora me levava por entre os corredores, apresentando o lugar, e me pedia para chamá-la de Vó. Eu obedecia. Tão logo ela me mostrou a nave, começou a me explicar sobre o espaço, o Espaço com E maiúsculo, onde ficavam as estrelas, as luas, os asteroides e as galáxias. Ela queria me ensinar

tudo. Parecia importante. Eu ouvia e tentava absorver as informações: o Espaço era predominantemente escuro, com pontos de luz e cor aqui e ali, e esses pontos faziam toda a diferença na observação do horizonte, mas ainda que eles chamassem mais atenção, não poderíamos ignorar ou esquecer as regiões escuras, que eram igualmente importantes.

A Vó me ensinava lições sobre viagens, aventuras e passeios entre as estrelas; sobre saber para onde ir, lidar com imprevistos e aproveitar o caminho, e me explicava os movimentos do universo. Ela falava sobre lugar, permanência, distância, percepção e dizia que para entender o espaço, você tinha que o percorrer e era por isso que estávamos viajando.

— E é a mesma coisa com o tempo. E isso é bom, porque o espaço e o tempo são a mesma coisa — ela disse um dia.

Isso me fez lembrar o cemitério de estrelas. Agora que eu estava mais próxima delas, no céu propriamente, poderia dizer se elas estavam vivas ou se o que eu via era apenas uma sombra? Ou eu estaria fadada

ao mistério? A Vó não entendeu a pergunta, disse que não fazia muito sentido.

— Não tem essa de estrela viva e estrela morta, não — ela respondeu.

— É, acho que aqui isso não faria muito sentido mesmo. Porque aqui ela só se torna outra coisa. Não some.

— Nada some, não. Não tem isso, menina. A estrela ia virar o quê, fumaça?

Ela disse e, sem mais explicações, deixou-me para refletir sozinha. Às vezes, ela fazia isso, dizia que eu precisava descobrir algumas respostas por mim mesma.

Dias depois, ela foi me acordar com pressa.

— Chegamos — ela falou.

Até então, eu não sabia para onde estávamos indo. Achei que andávamos sem rumo pela galáxia, observando a paisagem, aprendendo sobre órbitas e cometas, mas aparentemente, tínhamos um destino.

Levantei às pressas e segui a Vó até a esfera da nave que tinha janelas de vidro no lugar das paredes. Do outro lado, a paisagem era completamente diferente da dos outros dias. Não havia poeira estelar, nem meteoros

e asteroides, luas ou planetas. Não havia nem estrelas. Havia um campo de grama verde e uma árvore alta.

Olhei para a Vó procurando explicações. Ela olhava fixamente pela janela.

— Que planeta é esse? — cheguei mais perto e vi que na árvore havia um balanço de madeira preso com cordas.

A senhora não respondeu e eu pensei que, talvez, não estivéssemos em um planeta especial.

— Vó, isso aí parece...

Fui me afastando da janela conforme meu cérebro ligava todos os pontos. O coração acelerava.

— Como é que... — mas eu não conseguia mais terminar as frases.

Aquela árvore, aquele balanço, aquela grama, tudo era muito parecido com um lugar que eu conhecia. Mas eu não ia para lá há muito tempo, nem em memória. Eu não queria voltar para lá.

— O espaço e o tempo, menina, são a mesma coisa, percebe? — disse a Vó, segurando a minha mão e me aproximando da janela. — A gente viaja nos dois.

Eu não queria me aproximar, então levantei as mãos, mas elas não tocaram o vidro — ele não estava mais lá. Quase caí para trás quando reparei no cheiro da grama molhada e no vento fraco. As memórias ameaçavam tomar meus pensamentos por completo, com a força de um oceano querendo invadir uma piscina de plástico. Fechei os olhos e apertei as pálpebras, preparada para o impacto. Havia eletricidade no ar, estática como a das nuvens durante a formação de uma tempestade. Peguei uma lágrima tentando escapar por entre os cílios.

— Por que... como... a gente... isso aqui parece... Como é que pode?

Mas ela já tinha me respondido, não? A gente viaja no espaço e no tempo. Aquilo era uma lembrança e eu estava no passado. Mas por quê? Por que me levar até esse momento?

Levei a mão ao peito para impedir que o coração saltasse das costelas.

— Não é engraçado — disse a Vó também com a mão no peito. — como as...

— Engraçado??

Fechei os olhos e antes que pudesse processar o que estava acontecendo, meu corpo agiu e eu pulei pela janela. Não sei se interrompi a senhora ou se simplesmente não ouvia mais o que ela dizia, pois não queria ficar mais um segundo na nave. Do lado de fora, aterrissei entre as folhas da árvore.

A menininha lá embaixo se preparava para subir no balanço, mas o barulho na árvore assustou-a e, depois de olhar por entre os galhos por alguns segundos, ela se virou e correu para longe, levando consigo qualquer tristeza que eu pudesse estar sentindo, possivelmente qualquer tristeza que um dia eu já tinha sentido. Ela parecia tão pequena que quase não pude acreditar. Era como olhar para um espelho desatualizado. E foi tudo muito rápido.

Pouco a pouco, a cena já não me parecia tão triste e eu não conseguia me lembrar que evento era aquele na minha memória. A árvore, o balanço, a grama, aquilo era familiar, mas uma cortina invisível parecia ter caído sobre tudo, atrapalhando minha visão. Não havia mais alguém por perto? O que tinha acontecido naquele dia? Eu não conseguia

mais lembrar e meu cérebro parecia tentar agarrar-se a um monte de areia.

Até hoje não sei dizer que lembrança é essa e porque ela seria triste. Mas me lembro da sensação logo antes de saltar pela janela. Eu estava triste.

Assim que a garotinha sumiu de vista, voltei minha atenção para a senhora dentro da nave multiesférica. Ela olhava através de mim, para a garotinha lá embaixo. Eu sabia que tinha mexido com o tempo — e provavelmente, por consequência, com o espaço, e a Vó não tinha me falado sobre isso especificamente, mas ela não parecia repreensiva. Seu olhar era contemplativo.

Comecei a me esgueirar pelos galhos para voltar à nave, porque nem me lembrava mais por que tinha saído e muito menos que revolta e tristeza tinham se acometido sobre mim.

— Sabe, é engraçado como enxergamos as coisas de um modo diferente com o passar do tempo — ela disse.

Parei entre os galhos da copa da árvore e olhei diretamente para a Vó. Ela também parecia tentar agarrar-se a algo que lhe es-

capava. Estendi minha mão para que ela me ajudasse a voltar, mas ela negou levemente com a cabeça. Ela não podia me ajudar, suas mãos estavam desaparecendo.

— Para mim, não era triste — ela continuou. — Você via um momento triste, mas para mim... fazia tanto tempo... foi como vivê-lo de novo, mas sob outra perspectiva. Diferente. Ele significava outra coisa, você entende? Não é engraçado?

Seu manto roxo e seu vestido florido dissolviam-se no ar como açúcar na água, mas ela não parecia assustada. Os pés pequenos nos chinelos velhos, seus braços... a Vó lentamente virava fumaça transparente e desaparecia diante dos meus olhos. Enquanto isso, eu a reconhecia pela primeira vez. Era como olhar para um espelho adiantado.

— Você... — tento dizer.

— Acho que, no fim das contas, não existe lembrança boa ou ruim. Não é isso? Elas são tudo ao mesmo tempo.

Tento me esticar para alcançar a nave, mas ela desaparece junto com a senhora.

Tudo se misturando à atmosfera, como se fosse poeira. Talvez poeira estelar.

Não consigo me mexer e parte de mim entende o que está acontecendo, mas a outra parte não consegue aceitar. Hesitante e com o coração apertado, pulsando sangue quente em alta velocidade pelas minhas veias, apenas observo, imóvel, o cacho de uvas prateado e a senhora lá dentro indo embora, tornando-se sombra. Sei que não consigo reverter a situação, não há nada que eu possa fazer, não tem volta.

— Está tudo bem — ela diz, compreensiva. — Vai ficar tudo bem. Eu achei que tinha que te ensinar tudo, mas essa não é a ordem das coisas, não é? Eu poderia mostrar os caminhos, mas você é quem faz as escolhas. Não é engraçado?

Faço que não com a cabeça e o rosto da Vó — que, então entendi, não era exatamente um rosto desconhecido — dissolve-se completamente em um sorriso tranquilo, deixando-me para entender as respostas e as explicações sozinha.

Em um piscar de olhos, eu não estava mais lá. E eu refleti. Mesmo anos depois, continuo refletindo. Algum dia nos veremos de novo em algum espelho e talvez eu também não a reconheça. Talvez tudo seja diferente. É tudo uma questão de tempo e espaço.

